

AÇÃO DIRETA

Diretor: SÔNIA OITICICA

Diretor-Fundador: JOSÉ OITICICA

Administrador: IDEAL PERES

Redação:

Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922
Caixa Postal, 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

MENSÁRIO ANARQUISTA

Registro SI/P — 214 de 8-3-1946

AVULSO: CR\$ 2,00

Assinatura anual Cr\$ 50,00
Pacotes (12 exemplares) Cr\$ 20,00

No movimento antifranquista, em que tanto preponderaram os anarquistas, houve duas correntes: uma estatista, outra anarquista; esta positiva, construtora, aquela negativa, estorvadora, burocrática, desastrosa.

JOSÉ OITICICA

A Revolução Libertária Espanhola figura na História como um exemplo do valor de um povo preparado para a luta contra a reação e em defesa da Liberdade e dos direitos do Povo

A Espanha Antifascista e Libertária

O fascismo, para tranquilidade do mundo, deveria ter sido sepultado na Espanha, onde o ardor do combatente e a fibra do pensador fundiram o bronze que imortalizou Madrid.

Mas os países das decantadas democracias se fizeram surdos e crêram que aquilo era um castigo que a Espanha merecia. E deixaram-na só. E sôzinha lutou! Lutou até que a inferioridade de armas, de um lado, a superioridade numérica das forças invasoras de Mussolini e Hitler, aliadas aos mercenários de Franco, de outro, e, sobretudo, a escassez de alimentos, decidiram a luta a favor de uma grei de renegados que, mais cedo ou mais tarde, teriam de atrelar-se aos destinos de Hitler e Mussolini.

Veio depois o exodo, a peregrinação, e o valente guerrilheiro espanhol teve de deixar sua terra, sua casa, sua noiva, seus filhos e sua própria mãe abandonados à voracidade dos marroquinos, à sanha sanguinária do nazismo, à truculência dos camisas negras, e à estupidez arrogante do falangismo espanhol. O heróico miliciano saiu da Espanha apertado o coração para não chorar e deixando, nas pisadas do caminho, a sublime esperança de voltar. E na fronteira, voltando o seu olhar nostálgico e rebelde por sobre a terra que a juventude regara com seu sangue, murmurou um juramento. Um dia hei de voltar! Um dia voltaremos, disseram todos. E marcharam! Marcharam para o desconhecido, acariciando o sonho promissor de seu regresso. Depois, aprisionados como bestas nos campos franceses de concentração, ali foram encontrados pelos alemães quando o velho Petain vendeu a França. Dêstes espanhóis, dezessete mil foram levados aos trabalhos forçados na Alemanha, e do restante quase se ignora o paradeiro. Pobres homens! Se houvessem sabido os padecimentos que os esperavam, talvez preferissem ficar e morrer lutando como fez o heróico anarquista BAJATIERRA, em Madrid.

Muitos morreram de fome, outros de pestes, e alguns de raiva. Depois fez-se silêncio. Não se falou mais deles. Ficaram esquecidos, abandonados à própria sorte. O motivo desse abandono por parte das democracias deve ser procurado na declaração feita pelo conde Romano-nes quando chegou à França. "Fêz-se mais na Espanha — disse ele — em poucas semanas, que na Rússia em tantos anos".

Efetivamente! A obra de socialização realizada na Espanha rebelde pelas coletividades foi de molde a deixar em ridículo a todos aqueles que dizem que o anarquismo é desordem e que é impraticável. Estradas de ferro, serviço de alimentação, de transporte e hospitalar, a imprensa, o ensino escolar e as indústrias de guerra, nas quais se fizeram descobertas e improvisações que deixaram perplexa a turma dos generais renegados, tudo, enfim, que se tornava necessário e imprescindível à vida do "front" e da retaguarda, foi organizado com um espírito de sacrifício invulgar e realizado dentro dum socialismo puramente anárquico, fundindo na necessidade de todos a capacidade de cada um.

Foi exatamente por essa realização prática dos princípios anarquistas na Espanha, que os governos democráticos preferiram o triunfo do fascismo na "impertinente" península Ibérica.

Tanta inelencência com homens como êstes, que davam suas vidas pela liberdade, as nações tinham de pagá-la. E pagaram-na! A Polónia foi a primeira, assim como foi a primeira em reconhecer o governo de Franco. Logo veio a França. Pobre França! Depois a Inglaterra e em seguida, a Rússia. Se houvessem ocorrido como deviam o povo espanhol na luta de gigante que susten-

tu, salvariam a Europa. Enquanto que assim, suas cidades também foram destruídas, suas mulheres também foram violentadas, suas crianças também foram metralhadas, e, talvez, muitas mães terão enlouquecido também, como aquela mãe espanhola que, ao ver o filhinho despedaçado pela metralha fascista, enlouqueceu, e, internando-se nas matas, como que enojada da civilização, levava sempre um pedaço de pau entre os braços que acariciava como se fosse o seu filhinho.

E assim a Europa desmoronou esmagada pelo prussianismo bárbaro e selvagem que celebrava os seus triunfos pendurando nas árvores os prisioneiros. Mas, chegou a hora extrema da resistência forçada, e quando o Moloch nazista parecia engulir tudo definitivamente, então, só então, as democracias lembraram-se da épica resistência de Madrid. Em Londres, em Leningrado, em Stalingrado, o nome da cidade heróica era o pão de cada dia. Lembrai-vos de Madrid! Imitai Madrid! Resisti como Madrid! Este foi o grito iracundo da resistência. E a resistência venceu!

O monstro nazista teve que encolher suas garras, pouco a pouco e cada vez mais, enquanto que a vitória, esboçando um sorriso tranquilizador, dava aos aliados a certeza do triunfo. E os espanhóis proscritos ficaram no ostracismo, olvidados sempre.

Chegou, finalmente, a libertação da França, símbolo da liberdade e berço da civilização, onde, pela primeira vez, proclamaram-se os direitos dos homens. E com a França a libertação de Paris. Paris do 89, on-

Por PEDRO CATALO

de se falou de Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Paris da Comuna, que teve a glória de ver em suas barricadas lutarem personalidades como Eliseu Reclus, Luiza Michel, Amilcare Cipriani e outras grandes figuras de renome universal.

E verificamos que, depois de tantos anos, com grande surpresa para o mundo todo, naquelas mesmas ruas, por entre os escombros da Paris arruinada, surge a figura ciclópica do guerrilheiro espanhol à frente dos "maquis" franceses, como franco-atirador, derramando seu sangue, peito aberto de proletário, para libertar a França.

E parte da libertação da França pertence aos dignos representantes de D. Quixote. São êstes os moinhos de vento que Cervantes pôs em sua obra. Enquanto os espanhóis lutam pela liberdade de outros povos, os outros esquecem a liberdade do povo espanhol.

Libertou-se Paris. Mas a Espanha, não! E o garibaldino espanhol volta o seu olhar para a fronteira, para aquela terra espinhada onde um juramento se agita e ondula ao vento como uma bandeira: Um dia hei de voltar! Um dia voltaremos, gritaram todos. E os que não morreram lá estão na fronteira, esperando que desta vez os povos que sentiram em suas próprias carnes as torturas do domínio nazista não se esqueçam que há um povo, o da Espanha, que ainda está disperso e que, na gigantesca batalha que se desenrolou contra o trogloditismo fascista internacional, contam-se aos milhares os pensadores e idealistas hespanhóis que caíram tremulando uma bandeira que resume, em poucas e imortais palavras, toda a história da libertação humana:

EL PRECIO DE NUESTRO HERÓICO SACRIFICIO SERA' LA LIBERTAD Y EL BIENESTAR DEL MUNDO!!

A Obra Construtiva da Revolução Espanhola

Ao produzir-se o levante militar fascista de julho de 1936, como já havia acontecido em Dezembro de 1933 e em Outubro de 1934, nos vales mineiros de Cardoner e do Alto Llobregat foi declarada a greve geral revolucionária.

Transcorridos alguns dias, tendo-se constatado que os Conselhos de Administração dos capitalistas, por estarem comprometidos no levante faccioso, haviam desaparecido, deixando abandonados os serviços de segurança das minas, acontecendo mesmo que, em uma delas, que possuía as instalações mais deficientes, as águas haviam minado o cimento dos dois poços (o de extração e o de salvamento), correndo o risco de ficar totalmente inutilizada, os trabalhadores decidiram encarregar-se da direção e da administração das mesmas, recomeçando os trabalhos das minas e reparando todas as instalações.

Todos aqueles que vivem a propagar que uma transformação social traria como consequência graves desordens na produção e distribuição dos produtos necessários à vida dos seres humanos, encontram na expediência do regime das minas coletivas um desmentido formal, pois

o trabalho, «que é a única função criadora da riqueza», ficou ajustado desde os primeiros momentos, não sofrendo solução de continuidade.

Com a mesma normalidade com que se nomeavam os comités de sindicatos, em assembleia geral, foram eleitos os Conselhos de Empresa, em que tomavam parte representações da técnica, da administração, da produção.

A assembleia era soberana, e os eleitos executores das suas resoluções. Nas assembleias prestava-se conta da situação técnica e da marcha da produção das minas, para serem discutidos os atos dos Conselhos de Empresa.

As melhorias introduzidas nas usinas, a partir da coletivização, foram tantas e de tal vulto, que seria exaustivo enumerá-las, bastando dizer-se que, em consequência da interrupção das comunicações com a zona do centro do país, ao surgir o problema do abastecimento de sal comum, u'a média de trezentas toneladas diárias, as coletividades fizeram instalações especiais que permitiram minorar as dificuldades do fornecimento de carvão às minas; abriu-se e iniciou-se a exploração de outra mina no vale de La Nou, sendo necessário, para al-



Assim tomaram — e continuam tombando em Espanha — vítimas da sanguinária Guardia Civil a serviço da ditadura clerico-capitalista-militar que tiraniza o povo espanhol, os heroicos militantes da luta libertária.

cançá-la, construir uma estrada em terreno montanhoso e acidentado, numa extensão de oito a dez quilômetros, e apesar das dificuldades de habitação, dos rigores do inverno, da falta de alimentação e da separação forçada da família, ao expôr-se, numa assembleia, o elevado custo das despesas a cobrir para a realização desse objetivo, não foi preciso nenhum sistema de coação para o conseguir: as necessidades foram supridas pelos voluntários que se ofereceram para executar esse trabalho.

Devido às condições do terreno, em uma das minas vinha-se empregando grande quantidade de madeira, que depois ficava, forçosamente, enterrada nas explorações abandonadas. A utilização desse material provocava a paralização das instalações de extração e trituração durante várias horas; as dificuldades do transporte no interior das minas obrigavam, muitas vezes, ao emprêgo da mão de obra para a sua instalação e, por não se conseguir dominar o terreno, verificavam-se muitos acidentes no trabalho. Uma profunda mudança no sistema das instalações, posta em prática pela coletividade, permitiu a abolição do emprêgo das madeiras nas explorações, a utilização das instalações de extração e trituração, a economia de horas de trabalho despendidas para descer as madeiras, o desaparecimento das dificuldades criadas pelo transporte interno, a possibilidade do emprêgo da mão de obra em outras atividades, maior segurança no trabalho e, portanto, menos acidentes. Além disso, conseguiram-se maiores possibilidades de aplicação técnica e grande economia, que somava alguns milhões anuais, em virtude das despesas feitas na compra e transporte das madeiras até a entrada das minas.

O rendimento conseqüente desse esforço no aperfeiçoamento dos métodos de trabalho foi depois apro-

veitado pelas companhias, ao verificar-se o triunfo circunstancial do fascismo.

As minas estavam federadas entre si, constituindo a Federação Económica de Sais Potássios, que, por sua vez, pertencia à Federação Regional de Indústria Químicas e à Federação Nacional das mesmas indústrias.

Era através da Federação Económica (em que as unidades produtoras conservavam absoluta independência de produção e administração) que se fazia a distribuição dos pedidos e das materias primas quando era necessária a sua aquisição para uso comum.

Depois da experiência da propriedade individual e da propriedade de Estado, o sistema coletivo adotado na Espanha pelos anarquistas constituiu uma afirmação da economia posta ao serviço da coletividade, demonstração prática dos princípios de liberdade e dignidade humana, harmonia de interesses na distribuição do trabalho e dos produtos.

SEMEANDO PENSAMENTOS

A economia preconizada pela Confederação Nacional do Trabalho, durante o período revolucionário, tem feito correr rios de tinta, em comentários contraditórios, muitas vezes mal intencionados, pelos que têm, têm e terão interesse em desvirtuar a obra construtora das coletividades, em abafar o espírito inovador dos coletivistas e a força do federalismo aplicada ao bem-estar da sociedade.

As deficiências dos órgãos e organismos do Estado foram suplantados pela livre iniciativa do homem, e o conjunto das iniciativas fez da Confederação Nacional do Trabalho o elemento regulador da nova economia.

Pierre BESNARD

VOZES DO INFERNO

Por Frei Demônio

— “Deus colocou-se ao lado dos nossos jogadores contra os russos!” — assevera o padre Gois, em entrevista ao órgão principal do vaticano indígena, “O Globo”, a propósito da vitória da equipe brasileira no campeonato mundial de futebol.

— Quer o padre Gois dizer que a vitória não coube aos jogadores brasileiros, mas a Deus, que se colocou ao lado deles. Na opinião do padre Gois, Deus não é mais pai de todos os homens, pois, em vez de manter-se neutro num pleito, como aquele, entre filhos seus, favoreceu uns contra os outros, ajudando, naturalmente, os primeiros, e escoucear com mais arte e mais vigor a bola. Ora bolas! Pai para uns e padrastró para outros! E depois diga-se que nós é que somos herejes!

— “Venceu, esmagadoramente, em Portugal, as eleições presidenciais, o candidato oficial, almirante Américo Tomaz, que, há quinze anos, exercia o cargo de ministro da Marinha!” — anunciam os jornais.

— Que grande novidade! Já com antecedência de muitos meses, graças à boa organização dos serviços do Estado Novo lusitano, se podia anunciar ao mundo semelhante resultado. O novo chefe-do-Estado, não eleito pelo povo, mas nomeado pelo Salazar, é um pobre-diabo caquético, a quem o ditador manteve tantos anos na pasta da Marinha, por possuir bossa bastante para ser cavalgado, como antes dele o fôra o infeliz Carmona.

Portugal e a Rússia são, atualmente, os únicos países no mundo onde o Governo vence sempre as eleições à maneira totalitária.

— “Intolerância no Congresso Nacionalista Fluminense — Cassaram a palavra ao orador, só porque este pretendia distinguir nacionalismo de comunismo!”

— E fizeram muito bem. Pois não é a Rússia e não são os “comunistas” os maiores arautos do nacionalismo, ou seja do patriotismo, ou seja do chovinismo, ou seja do fascismo?! Internacionalismo, cosmopolitismo e outras coisas que em outros tempos eram para o socialismo alíssimos e generosos ideais, passaram a ser, ha muito, na boca dos súditos do Kremlin preconceitos

anarquistas, ou pequenos-burgueses, como eles dizem. Para nós, tal nacionalismo continua a ser o que sempre foi: o último refúgio de ingênuos e dos politiquinhos exploradores da boa-fé do povo.

— “Punição para os que fabricarem e venderem bombas ‘cabeça de negro!’ — ameaçava, nas vésperas das festas juninas, o chefe de Polícia, que, logo depois, impotente para impedir as explosões de petardos que todos os anos, por aquela época, alarmam a cidade, se lamentava: ‘A Polícia nada pôde fazer, nem fará, enquanto a lei não proibir o fabrico de fogos de grande poder ofensivo’.”

— Que santa ingenuidade a do chefe de Polícia! O Estado não proibiu, até hoje, nem proibirá, o fabrico de “explosivos de grande poder ofensivo”, como as “cabeças de negro”, porque isso não convém à sua economia. Como haveria o Estado, o grande cáften, o bandido n.º 1, de viver, se proibisse o fabrico e o comércio de tais produtos, assim como o do tabaco, o das bebidas alcoólicas e outros venenos, cuja exploração constitui a sua maior fonte de receita?

— “Pancadaria entre presos no xadrez!”

— Não seria mais aconselhável que os presos, em vez de se esmurarem uns aos outros, se unissem contra os inimigos comuns: os parasitas de todas as espécies?

LIVROS EM REVISTA

1. — O AMANHÃ NÃO EXISTE é o livro de estréia de nosso companheiro E. Cardoso, que, em suas 193 páginas, levamos para o pensamento de Heráclito: “A vida é uma transformação incessante. A única certeza é o dia de hoje. Não podes percorrer o mesmo rio duas vezes. O rio muda segundo a segundo, assim como o homem que o percorreu.” Pensamento que marca e assinala profundamente o final da história. O autor esboça rapidamente as figuras centrais que flutuam num subúrbio diluído e impreciso como elas próprias. Editou o próprio autor. Preço Cr\$ 100,00.

2. — Em sua terceira edição, acaba de aparecer, de Anibal Vaz de Melo, CRISTO, O MAIOR DOS ANARQUISTAS — Editora Piratininga — São Paulo, Defende o escritor a tese do Cristo revolucionário e, apoiado em trechos da Bíblia, demonstra, em estilo fluente e agradável, que Jesus era contra a propriedade, contra a família, contra o Estado, contra o nacionalismo, contra as leis escritas, os tribunais e os julgamentos. Em que pese algumas confusões do autor quanto ao socialismo libertário e à ditadura soviética, o livro, em conjunto, é excelente. Preço Cr\$ 80,00.

3. — O velho e sempre novo trabalho de Sebastião Faure “DOZE PROVAS DA INEXISTÊNCIA DE DEUS”, há muito esgotado, acaba de ser reeditado pela Editora Germinal (C. P. 142 — Agência Postal da Lapa — Rio de Janeiro), na conhecida e fiel tradução de Alfredo Guerra, pseudônimo do velho camarada Antônio Alves Pereira. Trata-se de uma conferência do inesquecível autor da “Dôr Universal”, “Impostura Religiosa” e tantas outras obras-primas do pensamento libertário.

A Editora Germinal valorizou a edição, incluindo no mesmo volume os seguintes trabalhos de grande interesse: “Sebastião Faure, anarquista e maçom, e o problema de Deus na Maçonaria e no Anarquismo”, prefácio de 40 páginas, pelo companheiro Roberto das Neves; “Porque vesti e despi a solaine”, páginas pouco conhecidas de Sebastião Faure,

em resposta aos reacionários, que jamais lhe perdoaram ter escrito “A bas la calotte!” e inseridas agora no volume à guiza de prólogo às “Doze Provas”; e ainda “Sabatina Teológica”, ou “Porque e Como Abandonar o Seminário”, de Tomaz da Fonseca, glorioso autor de “Sermões da Montanha”, o qual narra, em 32 páginas da maior emoção e graça, como se processou nele a crise intelectual que para sempre o afastou do redil da Santa Madre Igreja, levando-o a abandonar o Seminário de Coimbra, poucos meses antes da data em que devia receber ordens maiores, e conduzindo-o para os arraiais do livre-pensamento, de que se tornou um dos maiores paladinos mundiais. Tomaz da Fonseca sublinha no seu trabalho, inserto como posfácio, a influência que na crise mental que o fez enveredar pelo caminho do racionalismo, nele exerceu a leitura da conferência, então recém-editada pela primeira vez, de Sebastião Faure, a quem cognomina de “invencível fundibulário da dialética”.

Trata-se, em resumo, de uma obra do maior interesse, sobretudo numa época, como a nossa, em que a Igreja Romana e demais organizações que da credulidade pública fazem a sua principal fonte de receita estendem, cada vez com mais sofreguidão, sobre a pobre humanidade ávida de milagres, os seus tentáculos sanguiscentos. E, por isso, merecedora de divulgação pelos militantes de nosso movimento.

NOTA: Os leitores que desejarem adquirir os livros mencionados nesta seção, poderão endereçar seus pedidos para: Editora GERMINAL — Caixa Postal, 142 — Agência da Lapa — Rio de Janeiro.

Nos princípios de propriedade e autoridade, duas mentiras sem qualquer base, esteia-se a prepotência dos governantes e exploradores. Os anarquistas, negando esses princípios, abrem caminho à emancipação da humanidade.

A Psicanálise Moderna e o Anarquismo

Por ESTHE REDES

Parece coisa descabida juntar, num mesmo assunto, psicanálise e anarquismo. Este artigo tem por finalidade, justamente, demonstrar que as últimas conclusões a que têm chegado os psicanalistas contemporâneos ratificam as teses libertárias. Digo psicanalistas contemporâneos, porque muitas das afirmativas de Freud foram superadas. A corrente psicanalítica de orientação cultural, da qual é expoente máximo o dr. Erich Fromm, diverge de Freud nos conceitos do complexo de Édipo, o da castração, o da tendência à virilidade na mulehr, e na orientação biológica da escola ortodoxa. Entre outros aspectos, também na questão da origem das neuroses. Enquanto Freud e seus epígonos citam como origem a repressão dos instintos primários, carregada de emotividade, Erich Fromm, na sua escola retrospectiva, acentua também os fatores conflitivos nas relações humanas como causa dos desequilíbrios.

O sistema freudiano do desenvolvimento da libido foi substituído na psicologia humanística de Fromm, cuja tese principal é: «as paixões fundamentais do homem não estão enraizadas nas necessidades instintivas e sim na necessidade de encontrar uma nova relação entre o homem e a natureza pois a relação primária que existia na fase pré-humana, foi perdida».

Discorda, ademais, radicalmente, de todos os psicanalistas que consideram como normais os indivíduos adaptados à sociedade em que vivem (seja qual for esse tipo de sociedade). E conclui que no mundo atual, toda a humanidade, produto do capitalismo moderno, está desequilibrada (apesar de adaptada) porque reage como autômata, sem vontade própria. Diz ele: «o homem foi convertido num instrumento de objetivos econômicos, tornou-se um estranho para seus semelhantes, para a natureza e sua vida não tem mais sentido».

Dois perguntas surgem, inevitavelmente, do que foi até agora exposto. Primeira: o que é um homem integralmente dentro do conceito humanista de Fromm? Segunda: que tipo de sociedade permitirá ao homem a sua completa realização? Em que tipo de sociedade o homem encontrará novamente essa relação com a natureza que foi perdida? Em que tipo de sociedade o homem estará livre para edificar sua própria vida e ao mesmo tempo não se sentir inseguro a ponto de entregá-la a uma autoridade, qualquer que seja? Eis como responderia Fromm à 1.a pergunta: «a pessoa mentalmente sã é a pessoa produtiva, que se relaciona amorosamente com o mundo, que se sente a si mesma como uma entidade individual única e, ao mesmo tempo, se sente identificada com o seu semelhante, que não está submetida a uma autoridade irracional, porém aceita de boa vontade a autoridade racional da consciência e da razão. E estas são as tendências naturais humanas que somente foram pervertidas pelo uso constante, através dos tempos, do homem pelo homem».

Passemos à 2.a pergunta. No seu livro «Psicanálise da Sociedade Contemporânea», Erich Fromm oferece os caminhos para a saúde mental da humanidade, salientando que isto só será atingido quando a transformação da sociedade se verificar em todos os setores: político, econômico e cultural. Enquanto se procura corrigir os erros na sociedade atual atendendo apenas a um desses fatores como causa, tudo continuará como dantes. E esse tem sido o mal dos reformadores. Acentua que: «o Cristianismo pregou renovação espiritual esquecendo-se da renovação social, sem a qual a outra se tornaria impossível. Os racionalistas do século XVIII postularam a independência do juízo e da razão, a igualdade política, que, por si só, nunca levaria à fraternidade entre os homens. Os marxistas insistiram na necessidade de mudanças sociais e econômicas e olvidaram a necessidade de uma transformação interior dos seres humanos». Os resultados são conhecidos e não poderiam ser outros. Diz ainda Erich Fromm: «o homem é uma unidade; seu pensamento, seu sentimento e seu modo de viver estão relacionados. Não pode ter liberdade de pensamento se não tem liberdade emocional e não pode ter liberdade emocional se, em seu modo de viver, é um ser dependente e sem liberdade em suas relações econômicas e sociais. Um só passo de progresso integral em todas as esferas da vida terá maior alcance e resultados mais duradouros para o progresso da es-

pécie humana do que cem passos dados em uma das esferas, isoladamente».

A evolução da humanidade só é positiva quando se realiza no sentido da independência e da liberdade. O ponto central dos ensinamentos dos profetas tem sido a luta contra os cultos incestuosos. A medida que os homens vão se integrando em grupos cada vez mais amplos, maiores se vão tornando as áreas de liberdade. E somente quando a humanidade se libertar de todos os laços incestuosos com a família, classe social, Estado, raça, nação, igreja, será atingido o ideal de irmandade entre os homens. Para isso, os Estados e os poderes seculares necessariamente terão de perecer. O mandamento «ama a teu próximo como a ti mesmo», princípio básico de todas as religiões humanistas, só tem sentido numa sociedade de homens livres. A não ser que se entenda por amor os sentimentos de dependência, submissão, dominação ou posse. No decurso das análises tem se verificado que a causa básica da doença mental consiste na incapacidade de amar, entendendo-se por amor o conjunto e preocupações, responsabilidade, respeito e compreensão de outra pessoa cujo desenvolvimento se deseja. E isto se torna impossível na nossa civilização comercial cuja preocupação humana consiste na atração dada pela aparência e pelo êxito.

Ora, de todas as filosofias sociais existentes até agora, somente o anarquismo deu atenção a todos os fatores necessários à evolução da humanidade. Foi a que compreendeu a ne-

cessidade de quebrar o laço incestuoso com qualquer tipo de autoridade, sentindo que a felicidade humana baseia-se no amor e na fraternidade entre os homens. E a evolução da humanidade consiste na busca da verdade, o que está relacionado estreitamente com a liberdade e independência.

Foi a única que compreendeu a necessidade de uma transformação interior do homem ao mesmo tempo que se operasse uma transformação na sociedade, e foi a que sentiu a necessidade de uma vida comunal mais intensa sem anular o indivíduo com todos os seus direitos e preferências. Ao contrário do marxismo, que pôs toda a ênfase dos problemas sociais no fator econômica, o anarquismo tem salientado o aspecto humano sempre em primeiro lugar. E compreendeu a necessidade da humanização do trabalho ao lado do nivelamento econômico. Caracteriza-se ademais e anarquismo pela busca incessante da verdade, não se estagnando em dogmas ou princípios inalteráveis.

Mais do que nunca, se torna necessária, no momento atual, nossa atividade consciente. Como bem diz Fromm, a humanidade se encontra numa encruzilhada. Seguirá no caminho do robotismo (com suas variedades capitalista ou comunista) que a levará fatalmente à autodes-truição ou produzirá-se a transformação radical da sociedade no sentido do socialismo humanista. Porém, saberão os povos eleger o caminho certo, se não forem esclarecidos e orientados pela filosofia ácrata?

A situação se nos apresenta grave e o momento histórico oportuníssimo para a nossa ação.

Reflexões de um anarquista

PRIMEIROS CONTATOS

O conhecimento das idéias do Anarquismo provocaram uma agitação interior em mim. E eu procurava avidamente alguém para conversar sobre o assunto a fim de me esclarecer. Informava-me com um e outro até que soube existir um jornal especializado — «REMODELACOES». Adquiri um exemplar. Li-o com ansiedade, de um fôlego. As idéias me pareceram interessantes, coerentes e aceitáveis, mas havia algo no fundo que me desagradava. A publicidade empregava um caráter vulgar à publicação, servindo de veículo aos propósitos capitalísticos. — Como manter sua independência? E sua dignidade? Seria possível combater a exploração capitalística publicando seus anúncios, e sendo, conseqüentemente, estipendiado pelo capitalismo? Havia até uma publicidade do Jôquei Clube, com programa de corridas de cavalos! Comentei estas impermissões com um de seus colaboradores, confessando minha decepção, e concluindo: — Não é bem isto o que eu quero!

Posteriormente, fui informado da existência de «AÇÃO DIRETA». Fiquei satisfeito com sua leitura. Dirigi-me, então, à sua antiga redação, à Rua Buenos Aires, desejoso de encontrar alguém para trocar idéias. Entrei, timidamente. O professor José Otília recebeu-me com sua habitual simpatia, rodeado de estantes por todos os lados, menos um onde se via o quadro negro onde dava suas aulas particulares. Pedi um número de «Ação Direta» e lhe passei o dinheiro, que ele colocou indiferentemente em uma caixinha. Fitei-o, e ele me fitava. Olhei os livros e tudo o mais na expectativa de que o famoso anarquista puzasse conversa, debate. O homem continuava silencioso. E eu, imaginava encontrar um falador, que procurasse doutrinar a cada palavra, fiquei desconcertado. — Seria aquele o gigante revolucionário que contava com maior número de prisões do que de anos de vida? Seria aquele o orador capaz de agitar multidões com seu convincente dom de oratória, garantido por uma sólida cultura? Seria aquela figura temida e respeitada até pela polícia, que o prendia, antes, sempre que se esboçasse qualquer movimento revolucionário? Seria aquele o professor que depois de conhecer 9 idiomas, aprendera o russo sem mestre? Seria aquele o intelectual que, além de professor de línguas o fôra de botânica, de filosofia, a par de ser jornalista, crítico musical, teatrólogo, poeta? Seria ele aquele cidadão simples, trajando-se modestamente, vivendo co-

mo proletário, embora em condições financeiras e sociais de burguês?

— Sim, era ele mesmo — José Otília.

Permanecemos assim, durante uns 10 minutos, sem dizer palavra. Despedi-me, confuso, recebendo como resposta: Até à vista.

Essa a impressão de nosso primeiro encontro. A convivência mostrou-me depois o companheiro comunicativo e cordial nas atividades do movimento libertário.

RAUL VITAL

“AÇÃO DIRETA” COMPLETOU MAIS UM ANO DE LUTAS

“Ação Direta” completou mais um ano de existência, com seu número 126, correspondente ao mês de abril p. p.

Foi há doze anos — em 1945 — que, após o interregno atrofador da



ditadura getuliana, o movimento libertário do Brasil pôde retomar a luta em prol do anarquismo que, desde a última década do século passado, vem sustentando no campo da imprensa.

Foram doze anos de um pelear desassombrado, modesto — se quiserem — mas limpo e honesto sob todos os aspectos, sincero, elucidador e educativo — objetivando a orientação social do povo, no sentido de sua libertação do domínio da política, das peias autoritárias, religiosas e patrioteiras — necessária para a luta em prol de sua completa emancipação.

Assinalando mais um aniversário do aparecimento de “Ação Direta”, não poderíamos deixar de relembrar o saudoso companheiro José Otília, o dedicado militante anarquista que fundou e dirigiu até o dia de seu falecimento.

Tribuna dos debates

Pode ser ao mesmo tempo Anarquista e Maçon?

Por ROBERTO DAS NEVES

Li, no passado número de «Ação Direta», o artigo do João de Souza Ávila «Anarquismo e Maçonaria são movimentos inconciliáveis», e apres-so-me a trazer a minha opinião sobre o assunto em debate.

Ávila formula contra a Maçonaria críticas justas, com as quais não podemos deixar de estar de acordo. Não concordo, porém, com a conclusão, a que chega, de que não se pode ser, ao mesmo tempo, anarquista e maçom, pois que, segundo ele, Anarquismo e Maçonaria são «dois movimentos inconciliáveis», dando razão à organização anarquista da Bélgica, que eliminou das suas filas um camarada por pertencer a uma loja maçônica.

1 — Não é verdadeiro, como afirma Ávila, que a Maçonaria seja uma «instituição conservadora». Quem conhece a História e o papel que a Maçonaria representou na preparação dos mais importantes eventos libertadores, como a Revolução Francesa, a Comuna de Paris, a organização da Associação Internacional dos Trabalhadores, a Revolução Russa, a Revolução Espanhola e todas as revoluções que em todo o mundo puseram fim ao feudalismo e ao chamado «direito divino» e procuraram instaurar normas de convivência social mais livres e mais justas, sabe que a Maçonaria é, pelo contrário, eminentemente revolucionária e em seus objetivos libertária.

A ela se deve a maior colaboração na luta secular que derrubou a Inquisição e deu a numerosos países a independência, a abolição da escravatura e a república. Na França e em muitos outros países, tem a Maçonaria estado sempre à frente de todos os movimentos generosos visando o progresso e a defesa do indivíduo contra a absorção do Estado cada vez mais prepotente. Podemos censurar que esta luta em que a Maçonaria, através dos séculos, se tem empenhado não haja alcançado uma emancipação mais efetiva, mais real, do que aquela, tantas vezes formal e fictícia, que a chamada democracia histórica nos concede. Porém isso não se deve à Maçonaria em si, como não se deve ao sindicalismo, tão querido a muitos anarquistas, o não haver realizado, até hoje, a verdadeira Revolução Social. Por outro lado, se no Brasil a Maçonaria constituiu por quase mil loias dorme, por assim dizer, à sombra dos louros do passado, isso não passa de fenômeno local.

2 — Aos maçons que se revelaram tiranos, citados por Ávila (e dos quais excluiu Napoleão, que não chegou a ser iniciado na Maçonaria, embora esta lhe deva serviços, como o de ter vibrado o golpe de misericórdia na Inquisição), oponho os nomes dos maiores vultos do Anarquismo, como Proudhon (que redigiu os rituais da Maçonaria Moderna ou Francesa, ainda hoje em vigor em todo o mundo), Bakúnine, Tolstói, Kropótkine, Eliseu Réclus, Jean Grave, Malatesta, Francisco Ferrer, Emilio Zola, Sebastião Faure, Max Neblau, Luiza Michel, Maria Lacerda de Moura, aos quais poderíamos acrescentar os nomes das maiores figuras do anarquismo contemporâneo. Nenhum destes homens clarividentes se envergonhou de pertencer à instituição dos Pedreiros-Livres. São esses anarquistas os verdadeiros interpretes e legítimos portadores da

mensagem histórica dos Pedreiros-Livres. Os que Ávila cita como pretenso testemunho do reacionarismo da Maçonaria, Thiérs, Napoleão III, general Mola, Queipo de Llano, Carmona, Lênine e outros, não passam de abortos, de traidores dos ideais de liberdade, de que a Maçonaria tem sido, através dos tempos, campeã.

3 — A Maçonaria, ao contrário do que afirma Ávila, tampouco é deísta. É certo que alguns ramos da Maçonaria, designadamente os dos chamados ritos escocês e de York, menos evoluídos, mantêm a invocação do «Grande Arquitecto do Universo», que dizem ser Deus. Este Deus, porém, está longe de ser o Deus das religiões, o Deus-Criador, Providência e Justiciero, inconciliável com o verdadeiro princípio da Maçonaria, que é o dogma (chamemos-lhe assim) da evolução incessante, de acordo com o qual o Universo existiu sempre, isto é, não teve começo e, por isso, não terá fim. O Deus de tais ramos da Maçonaria é simplesmente, como era o Deus de Tolstói, Guerra Junqueiro, Victor Hugo e Han Ryner (todos estes, iniciados na Maçonaria), um símbolo filosófico admitido como verdade tradicional e provisória, nos primeiros graus, mas pulverizado, pela dúvida sistemática, nos últimos. O mais evoluído ramo da Maçonaria, o «moderno» ou «francês» é francamente agnóstico, isto é, faz tábuas rasas, desde o 1.º grau, do mito de Deus.

4 — Tampouco a Maçonaria é uma «instituição patriótica», nacionalista. Provas disto encontramos, a cada passo, nos rituais maçônicos e na preocupação, a cada momento evidenciada nas cerimônias e literatura maçônicas, de considerar todos os homens como irmãos independentemente do seu local de nascimento, de tal modo que as portas das loias de qualquer país estão franqueadas aos maçons de todos os países. Reconheço que na maioria das loias do Brasil se rende culto à bandeira nacional, mas isto é um híbrido soviético-fascista, sem a menor justificação nas doutrinas e tradições maçônicas, influência a que não foi imune, a própria Maçonaria, que, infelizmente, ainda não se limpou totalmente dessa e outras influências, igualmente nefastas, inclusive a jesuítica.

5 — A Maçonaria prega a «obediência às leis do país», sim, mas somente aquelas leis que não brigam com a razão e a justiça, pois contra as outras tem inspirado, sempre, a sacrossanta rebelião.

6 — As lojas maçônicas são constituídas por homens de todas as categorias e classes sociais, porque os problemas da sociedade não afetam somente os trabalhadores, mas todos os seres humanos. Se os trabalhadores sofrem as injustiças na própria carne, e outros, como Tolstói, Kropótkine, etc., oriundos das classes privilegiadas, sofrem na alma, ou seja, na sensibilidade, que não lhes permite gozarem as delícias da vida, quando tantos, em sua volta, padecem as dores de um mundo alicerçado na injustiça. Mas o que nunca vi nas lojas maçônicas, quer aqui, quer noutros países, ao contrário do que faz crer Ávila, foi banqueiros, não porque lhes fechem as portas, mas porque a sua sensibilidade de pele-de-elefante lhes não deixa perder tempo com movimentos generosos.

Militantes que Desaparecem

ARLINDO COLAÇO

A bordo do avião em que regressava do hospital das Clínicas, em S. Paulo (onde estivera internado alguns meses, atacado de enfermidade que os médicos não lograram diagnosticar), faleceu, no dia 2 de Dezembro p. p., o nosso dedicado amigo e assinante Arlindo Colaço, conhecido autor de obras anticlericais. O extinto contava 50 anos, era filho de Zacarias e Salustiana Colaço e casado com D. Nauta Costa Colaço.

Arlindo Colaço não era propriamente o que se chama um militante anarquista. Conquistado pela vasta obra de agitação de idéias libertárias, empreendida pelo jornal «A Lanterna», fundado em S. Paulo pelo saudoso camarada Benjamin Mota e ali continuado, depois, por Edgard Leuenroth, a ninguém ocultava, todavia, a sua grande simpatia pelos



nossos ideais e o seu ardente desejo de que eles se tornassem, um dia, realidade. Convencido de que o predomínio do polvo clerical é o mais sério estorvo ao progresso do Brasil, transformado pela Igreja de Roma numa das suas mais rendosas colônias, cedo Arlindo Colaço empunhou a pena para ajudar a campanha, que, mais do que quaisquer outras, os anarquistas mantêm com o objetivo de emanciparem as consciências embrutecidas e escravizadas pela seita negra.

Com esta nobre intenção, escreveu e publicou por conta própria (já que então não existia no Brasil nenhuma editora que ousasse arrostiar o polvo do imperialismo vaticanista), entre outros, os seguintes livros: «Domínio Nefando» (de combate ao regime teocrático, que tem infelicidado as nações); «Ensino Atualizado» (denunciando os erros do nosso ensino oficial); «Queremos Revolução!», obra condenada pela Igreja, durante o «ano santo» de 1950 e, em 23 de Agosto do mesmo ano, a pedido dos clericais do Recife e apesar dos protestos das lojas maçônicas daquela cidade (impotentes contra a influência da balina), vergonhosa e incrivelmente confiscado pela polícia pernambucana nas livrarias daquela cidade; «Bahú de Turco», de análise às manobras da Liga Eleitoral Católica perante o pleito eleitoral de 1950, de que resultou a eleição do presidente Getúlio Vargas e do vice-presidente Café Filho; «A Família Perante a Confissão», mostrando como a confissão auricular é uma temível gazuza utilizada pelo clero, com proveito espiritual e material para a Igreja, mas com as mais graves consequências para a sociedade, a família e o próprio indivíduo, sobretudo as mulheres; «Nesse passo eles vão até Honolulu», análise à vontade com que o clero, nesta colônia do Vaticano, que é o Brasil, dispõe dos dinheiros públicos, desviando e utilizando, a seu arbitrio, as maiores verbas para os fins ocultos da sua seita, à custa de todos os que trabalham e pagam impostos; «O Padre, a Confissão e o Celibato», estudo crítico-doutrinário dos dogmas e inovações do romanismo, mostra principalmente os perigos que a confissão auricular e o celibato dos padres representam para a saúde física e psíquica da coletividade e, principalmente, da juventude feminina, recordando, a propósito, páginas esquecidas dos enciclopedistas e inserindo e comentando, no final, o parecer apresentado em 1828 pelo padre Diogo Feijó, príncipe regente, quando deputado à Assembléia Geral do Brasil, sobre o projeto de lei extinguindo o celibato clerical no país.

Em sua terra natal, onde foi sempre o dedicado pioneiro dos movimentos mais generosos e das idéias mais modernas e mais avançadas,

tentou, um dia, a política, sendo eleito prefeito municipal. No exercício deste cargo, fundou a Biblioteca Municipal Zamenhof e criou um curso de esperanto facultativo no programa do ensino municipal. Fundou também a Cooperativa de Agricultores do Município de Alagôa Nova, de que foi sempre o principal animador.

Alguns meses antes de seu falecimento, de visita à nossa redação, desabafou Arlindo Colaço conosco: «Na minha curta passagem pela política acabei por adquirir a convicção de que os anarquistas têm razão. Sim, a política é uma porca, que só serve para os que dela vivem. Nunca mais cairei na asneira de aceitar a minha candidatura para qualquer cargo oficial, pois o exercício da autoridade corrompe o que o homem tem de mais puro, além de ser a política uma atividade absolutamente estéril!»

Quando souberam que Arlindo Colaço falecera, os roupelas, que nunca lhe perdoaram os ataques que ele lhes dirigira em livros e pela imprensa em que colaborava, apressaram-se a comparecer-lhe em casa, oferecendo-se à família para presidir-lhe aos funerais, com o segredo intuito, que está nas tradições da clericanilha, de alardear, depois, como fizeram com Guerra Junqueiro e tantos outros, que o finado se reconciliara, nos últimos momentos, com a Igreja. A esposa, porém, em quem Arlindo Colaço teve sempre uma preciosa colaboradora, a isso se opôs, impedindo os urubus de levarem a final a sua farsa. E Arlindo Colaço, de conformidade com os ideais que sempre defendera, foi enterrado sem a presença de padres, civilmente.

A última hora, informa-nos a esposa do falecido, atendendo a que o casal não tem filhos, haver resolvido doar à biblioteca mantida pela loja maçônica «Regeneração Campinense», de que ele fazia parte, a sua biblioteca, uma das mais completas sobre assuntos de livre-pensamento e sociais.

Nosso saudoso amigo Colaço era irmão dos drs. Alceu e Zacarias Colaço, diretores, respetivamente, do hospital Sá Andrade, na cidade de Sapé, e do Centro de Saúde, em São Miguel Paulista, a quem, assim como a D. Nauta Colaço, apresentam os que trabalham em «Ação Direta» a expressão de sua solidariedade.

JOSE HERNANDES

No dia 24 de Maio, aos cinquenta e cinco anos de idade, deixou de existir o nosso companheiro e amigo José Hernandez. O seu falecimento deu-se de maneira imprevista e repentina, quando visitava sua filha, Libertad, em Porto Alegre.

Conheci Hernandez, lá pelo ano 1925, quando estávamos empenhados na grandiosa campanha a favor de Sacco e Vanzetti, da qual ele também participava ativamente. Era um belo jovem, bem posto, alegre e decidido, tendo continuamente nos lábios piadas irônicas de crítica à sociedade, recheadas sempre daquele humorismo próprio do espírito espanhol.

Apesar de estrangeiro, nesta terra sempre reacionária, Hernandez soube manter bem alto, em épocas



difíceis, as suas convicções libertárias. Foi pai de família numerosa, e, mesmo assim, nunca arredou passo na propaganda do ideal que abraçara.

A última vez que o vi foi num dos nossos costumeiros festivais. Sabendo eu que ele sofria de insidioso mal do coração, pedi-lhe para que se afastasse das nossas lides e procurasse o descanso necessário à sua saúde. Respondeu-me que, dessa for-

ma, morreria mais depressa; o anarquismo, para ele, era vida.

A casa de Hernandez esteve sempre aberta aos companheiros que por aqui transitassem e também para aqueles que precisassem dos primeiros impulsos para aqui se estabelecerem. O aconchego, em sua casa, era verdadeiramente fraternal. Foi um dedicado militante, um desses anônimos militantes que deixa um vazio difícil de cobrir-se.

Na noite em que chegou a Porto Alegre, conversou longamente com sua filha Libertad, e, às duas horas da madrugada, cheio de contentamento foi dormir. E assim morreu dormindo, sem desespero, sem queixas, tranquilamente. Os anarquistas de São Paulo associamo-nos à boa e dedicada companheira Maria e a seus filhos, na tremenda dor causada pelo desaparecimento do nosso velho companheiro e amigo Hernandez.

São Paulo, Junho de 1958

PEDRO CATALLO

ANTÔNIO TRIGO



Esta é a fotografia do saudoso companheiro Antônio Trigo, antigo militante das lutas sindicais e libertárias, cujo falecimento noticiamos no número anterior de «Ação Direta».

COMEMORAÇÃO DO 1.º DE MAIO

O 1.º de Maio teve, este ano, a mesma comemoração que tem tido desde que o meio proletário do Brasil foi invadido pela praga do trabalho getulista, do peleguismo sindical, do manobrismo bolchevista e da ronha politiqueria: uma mistificação revoltante da significação dessa data de tanta relevância na história das lutas dos trabalhadores»

Somente os anarquistas agirem no sentido de ser feita a comemoração de acordo com sua significação histórica de lutas reivindicadoras.

«Ação Direta» dedicou seu número do mês à comemoração da data de conformidade com sua significação histórica, fazendo minuciosa exposição, para orientação dos trabalhadores. Foi feita larga distribuição desse número no Rio e em São Paulo.

Na capital paulista, os libertários participaram de dois atos públicos: na sede do Sindicato dos Gráficos, onde falou o camarada Edgard Leuenroth, e na sede da União Democrática Espanhola, onde falaram os companheiros Luca Gabriel, Roberto das Neves, Alexandre Pinto e Edgard Leuenroth.

NEGRINHO DO PASTOREIO

Sempre, nos diversos tempos,
Há erros da sociedade,
E isto ainda persiste
Na vida da humanidade.

«Negrinho do Pastoreio»
Retrata escravo e senhor.
É a lenda conhecida,
Que sempre nos causa dor.

A História se repete:
O senhor é industrial,
O negrinho é o proletário,
Que permite o capital.

Com o castigo de seu amo
Muito o negrinho sofreu,
Pois em nome do poder
Mil açoites recebeu.

Houve, porém, um milagre,
Não a favor do mais forte,
Mas recompensa de pobre.
Só mesmo depois da morte...

AEL

Como auxiliar «Ação Direta»?

Muitos são os leitores que nos têm perguntado, através de cartas, como trabalhar em benefício de «Ação Direta» e dos ideais ácratas. As formas de auxílio são múltiplas e resumiremos aqui algumas de aplicação mais imediata:

1. Enviar mensalmente uma contribuição monetária.
2. Adquirir, nas bancas de jornais, exemplares de «Ação Direta» e oferecê-los a amigos interessados nos problemas sociais.
3. Oferecer uma assinatura do jornal a pessoas inquietas e desajustadas de novas soluções sociais.
4. Discutir com amigos os problemas tratados por «Ação Direta», procurando, dessa forma, divulgar o Anarquismo.
5. Escrever trabalhos que estejam dentro de nossa orientação e que não ultrapassem duas folhas datilografadas com dois espaços entre linhas.
6. Entrar em contato direto com o jornal, escrevendo para Caixa Postal n.º 1 — Agência da Lapa — Rio de Janeiro.

Origens e Desenvolvimento da Revolução Libertária Espanhola

No dia 19 de junho de 1936 falaram na Espanha as vozes eternas que proclamaram os direitos do homem, falaram quantos se têm levantado para combater a escravidão, a injustiça social e a tirania; falaram os sonhadores de um mundo melhor, com o anseio de superar, na linguagem dos feitos as concepções humanitárias de Owen, Cabot, Campanella, Saint-Simon, de Kropotkine, de Bakunine, de Malatesta, de Sebastião Faure, de Neno Vasco, de José Oiticica, de Fábio Luz e as de tantos outros idealistas do socialismo libertário, do anarquismo.

No dia 19 de julho o povo espanhol bateu-se pela liberdade do mundo inteiro. A morte de Calvo Sotelo não teria precipitado o levantamento militar contra a república, se Franco e os generais traidores não contassem com o apoio decidido de Mussolini e do Vaticano, que pactuara com aquele ao assinar o tratado de Latrão; com o apoio de Hitler, que fora subvencionado pelo próprio capitalismo inglês na pessoa de Bell e de outros, pelo capitalismo francês, por intermédio do Comitê de Forges e dos diretores da Skoda.

Os peitos heróicos dos que se levantaram contra os canhões de Atarazanas, onde caíram Francisco Ascaso e outros dignos filhos do povo; os daqueles que assaltaram o quartel da Montanha, em Madrid, e os dos que se bateram em Saragoça, Oviedo, Sevilha, em tôdas as cidades, vilas, aldeias e rincões da campanha, não enfrentaram apenas as forças de Mola ou Queipo de Llano; não venciam somente os janizaros de Goded, desmantelando o plano da reação espanhola: atacavam o hitlerismo e o fascismo internacional ao qual estavam e ainda estão vinculados os interesses de "trusts", dos bancos e da política internacional.

Os interesses da alta finança e dos grandes latifúndios constituem a razão de ser da existência dos privilégios sociais, da injustiça e do Estado, com suas variações de regime, colorindo seu irreduzível fundo autoritário, tirânico e opressor. Esses privilégios é que geraram o fascismo, expressão contemporânea da ancestral vontade de predomínio de uma classe detentora da riqueza social, dos meios de produção e de consumo, do patrimônio humano, de uma minoria convertida em classe dominante e governante organizada em castas opressoras.

A gênese do movimento de 19 de julho deve ser procurada aí. Não se levantou a facção militar e reacionária contra a república por ser república: insubordinou-se contra a república para atacar a fundo a revolução social que, a 19 de julho, na Espanha, encontrava-se em tal estado de maturidade que só a intervenção estrangeira, lançando seu terrível potencial de forças, pôde fazê-la, momentaneamente, abortar. Mais uma vez, a Santa Aliança intervem na Espanha. Os cem mil filhos de São Luiz são as hordas hitlerianas e fascistas. Metternich teve seus êmulos em Mussolini e Hitler. E a "não intervenção", a indiferença, ou, melhor, a cumplicidade de certos governos chamados democráticos ante a tragédia do povo espanhol explica-se por essa solidariedade de interesses do capitalismo internacional, do qual todos os governos, sem exceção, são servidores.

Desde a metade do século XIX, a Espanha amadureceu para a revolução transformadora.

O povo espanhol sentia a necessidade de fazer a sua revolução. Sente-a ainda hoje. E os movimentos libertários de 8 de janeiro de 1933 e 8 de dezembro do mesmo ano, responderam a este sentimento.

O descontrole da economia espanhola, a crise da peseta, o desequilíbrio financeiro e econômico

mundial influíram nos acontecimentos da Espanha. Mas esses acontecimentos contaram sobretudo com as forças impulsoras e os valores espirituais do proletariado organizado em torno do C. N. T.

A reação espanhola em 1931, deu meios à república para evitar a Revolução Social. Se em 14 de abril a monarquia resistiu, o povo espanhol lançado à rua assestou-se a situação. A reação compreendeu o perigo e recolheu-se. Precisava ganhar tempo. O suficiente para reerguer-se para que a república se desacreditasse, para que o auxílio fascista exterior pudesse apoiá-la mais eficazmente. E isto, que a reação claramente compreendeu, não o compreenderam muitos republicanos. A república foi um sedativo para os anseios populares.

A Reforma Agrária, bem como outras disposições governamentais saídas das Côrtes, onde predominava a maioria republicana e socialista, não bastavam para satisfazer os justos anelos do povo. Produziram-se os choques inevitáveis. Em 1934 a direita, os Lerroux e os Gil Robles,

estavam no governo. Alcalá Zamora, na presidência, atestava que os anelos do povo seriam burlados.

Em outubro de 1934, Astúrias, o U. H. P., os trabalhadores da U. G. T. e da C. N. T., o povo espanhol, tornam a manifestar enérgicamente a sua vontade, e de 1934 a 1936 o desejo ardente de profunda e renovadora transformação social e política em Espanha adquire cada dia proporções coletivas mais gigantescas.

A partir desse instante, a experiência da república estava feita. O povo havia-se reposto da sua miragem. Os trabalhadores da C. N. T. e da U. G. T. percebiam o sentido da verdadeira revolução espanhola, que sobrepujava a República. A reação também via claro.

Por isso, quando em 1936 as esquerdas voltaram ao poder, a reação espanhola não temeu que a revolução tivesse início por decretos ou outras medidas legislativas: compreendeu que o parlamento e o governo deviam dar satisfação aos desejos do povo; que a Espanha dos Ganivet, dos Piy Margall, dos Salvochea, dos Cessis, dos Lorenzo, pelo gênio e a vontade dos trabalhadores, artífices de suas próprias liberdades, ia converter-se em realidades positivas e fecundas. E as classes reacionárias, percebendo que seriam despojadas de seus privilégios, antes de ver destruídas sua autoridade e poderio, sublevaram-se contra a república para assestar um golpe decisivo à revolução do povo consciente.

Esta é a gênese do 19 de julho de 1936.

A luta da revolução contra a reação continua na Espanha e fora dela. Ninguém poderá deter a força transformadora do povo espanhol na sua marcha para a liberdade.

Ação, mais Ação, sempre Ação!

Num momento trágico da Grande Revolução de 1789, na França, quando os exércitos estrangeiros invadiram o país e se aproximavam de Paris, Danton, o grande revolucionário popular, vibrando de entusiasmo, lançou às massas oprimidas e exploradas estas palavras:

"O que precisamos é de audácia, mais audácia, sempre audácia!"

E a audácia salvou a revolução.

Parodiando Danton, neste momento angustiante, em que a política ladra tripudia sobre a miséria do povo, eu lanço aos camaradas, aos homens de consciência e de ação, à mocidade independente, o meu apelo:

O QUE PRECISAMOS É DE AÇÃO, MAIS AÇÃO, SEMPRE AÇÃO!

Precisamos de ação intensa e eficiente, de ação sincera e leal, de uma ação indomável.

Precisamos evocar a osmbra gloriosa daqueles heróis que, através das cidades e dos campos, afrontaram sofrimentos e martírios inenarráveis em prol dos ideais do bem-estar, dentro da liberdade, para o homem, para cada homem, para todos os homens!

AÇÃO, MAIS AÇÃO, SEMPRE AÇÃO!

Sempre com o ânimo fortalecido pelo ideal, sempre com o coração pulsando de amor pelas belezas da vida, sempre com o punho fechado contra a opressão e a exploração do homem pelo homem.

Existir é lutar; viver é vencer.

Ha mais de meio século que luto, ora lutas cruentas, ora lutas incruentas. Tenho tido minhas vitórias e tenho tido minhas derrotas. Jamais, porém, cansei de lutar, enfraqueci, desanimei. O perigo da luta contra a exploração e prepotência sempre me atraiu.

E hoje, na casa dos setenta, eu quero ainda travar mais uma luta; as outras foram minhas lutas, mas esta de agora será a minha luta — a luta libertária.

Quem virá formar ao meu lado, transformando a minha luta em nossa luta?

MOACIR CAMINHA

"Ação Sindical"

Estão circulando os 3.º e 4.º números de "Ação Sindical", publicação que nos meios operários vem divulgando os verdadeiros princípios do sindicalismo revolucionário e lutando para que o sindicato volte a ser realmente órgão de defesa dos interesses da classe trabalhadora e não trampolim para políticos e cama de pelegos.

Destacamos das páginas do 3.º número os seguintes artigos: "Demagogia em Cena", "Sobre as Comemorações do 1.º de Maio", oportuno discurso de Edgard Leuenroth, proferido no sindicato dos gráficos de S. Paulo, "Movimento Operário", "Carta Aberta a Ventura Morénilla", etc.

O 4.º número faz uma completa cobertura da chapa da oposição às eleições dos gráficos de São Paulo, pondo a descoberto os torpes procedimentos da camarilha pelego-bolchevista que há anos vem dominando o sindicato do setor.

O periódico tem como diretor responsável o companheiro Alexandre C. Pinto e como administrador Rubens Leite. Toda correspondência e contribuições deverão ser enviadas para Caixa Postal, 5739 - São Paulo.



Amador Franco

era o nome deste simpático libertário, cheio de vida, de inteligência e de saber — manifestado pela palavra e em escritos — que a sanha sanguinária da ditadura franquista fuzilou na Espanha em 1947. Exilado em França, onde, como militante da juventude anarquista, lutava pela libertação do povo espanhol, quiz enfrentar o inimigo de perto, atravessou a fronteira e, preso em plena atividade, as balas da ditadura truncaram a sua juventude promissora.

Administração de "Ação Direta"

Conforme dissemos em número anterior, voltamos a publicar esta nota administrativa, contendo a relação das contribuições destinadas à manutenção do jornal. Os nomes são mencionados por suas iniciais: a publicação dos nomes completos será feita mediante autorização dos contribuintes.

Após a preparação da relação que se segue, compreendendo o período a partir de janeiro, foram recebidas novas contribuições, que figurarão na nota administrativa do próximo número.

Se, por ventura, fôr verificada nas relações publicadas a falta de alguma contribuição, o contribuinte nos comunicará imediatamente, indicando o veículo da remessa, para providenciarmos.

Insistimos: «Ação Direta» vive exclusivamente das contribuições daqueles que julgam necessária a publicação deste órgão do movimento libertário. Portanto, que ninguém demore na remessa de suas contribuições.

Em todos os trabalhos para a publicação do jornal todos trabalhamos sem remuneração, como uma ajuda à vida deste órgão de divulgação do anarquismo.

As despesas que, infelizmente são pesadas, em virtude do encarecimento de tudo — são feitas apenas com a impressão do jornal, clichês, transporte do jornal, expedição pela Correio, correspondência e material administrativo.

CONTRIBUIÇÕES RECEBIDAS

Janeiro: Ideal, Corrêa, Paulette, Blanca, C. Valsella, Rafael Fernandes, 200,00 cada; Venes, Costa, Jaime, Hiberito, H. Morais, 100,00 cada; Gonçalves, 265,00; F. da Silva, 250; Pessagno, 110,00; Trigo e Huche, 200,00; Venda, 520,50; R. Carlos, 250,00; G. L., 120,00; Pirozzelli, 50,00; Virgílio, 60,00; A. C., 40,00; Sonia, 500,00; A. A. Vieira, 100,00; Raul dos Santos, 50,00 — Soma: 4.215,50.

Fevereiro: Venda, 244,00; F. da Silva, 250,00; Gonçalves, Ideal, Corrêa, Venes, 200,00 cada; Pessagno, 120,00; Enio, 100,00; Grupo Oiticica, 1.000,00; Sonia, 500,00; A. A. Vieira, 100,00; Raul dos Santos, 50,00. — Soma: 3.164,00.

Março: Venda, 264,00; Andrés, 10,00; Fezeu, 600,00; Almeida, 40,00; Pirozzelli (lista) 50,00; Trigo, Huche, Corrêa (do Perez), Venes, Corrêa, J. Perez, A. A. Vieira, 100,00 cada; Banca galeria, 65,00; Ideal, Esther, 200,00 cada; Myrthe, 55,00; saldo da União, 445,00; Venda de jornais, 13,00; de 2 assinaturas, 100,00; Raul dos Santos, 50,00. — Soma: 2.792,00.

Abril: Venda, 239,00; Virgílio, 50,00; Dionizio, 1.000,00; Lucca, 200,00; Salvador, 50,00; Raul dos Santos, 50,00. — Soma: 1.589,00.

ONDE COMPRAR

"AÇÃO DIRETA"

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas do Rio:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light.

Na Rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Av. Rio Branco esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bitencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bitencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Centro de Estudos José Oiticica

No número 124 de "Ação Direta" comentávamos a falta que estava fazendo, no Rio de Janeiro, um centro de debates, com tribuna livre a tôdas as tendências do pensamento humano.

Agora já podemos informar que, dentro de algumas semanas, o que era desejo de um punhado de companheiros vai se tornar realidade palpável. Os componentes do Grupo Ação Libertária, que tomaram a sério a tarefa de organizar o Centro, estão já na fase de registro de estatutos e no de mobiliar a sala destinada para sua sede, a fim de iniciarmos esta útil atividade.

O pensamento do Grupo Ação Libertária organizar um programa de conferências e debates, abrangendo diversos temas, como estes: cooperativismo, marxismo, sexologia, coletividades agrícolas, anarquismo, psicanálise, higiene mental, pedagogia libertária, religiões, fascismo, sociologia em geral, música, pintura, projeção de filmes científicos, além de cursos de português, francês, inglês, russo, grafologia, esperanto, matemática, etc. Para tanto já estamos endereçando convites a especialistas em cada matéria.

Como vemos, é um programa amplo que iremos executar no decurso do ano de 1958, levando o saber aos inquietos e insatisfeitos com a cultura acadêmica ou codificada pelo Estado.

Breve estaremos informando os companheiros e amigos de "Ação Direta" a data da inauguração do Centro de Cultura José Oiticica e seu programa de conferências.

Em favor das vítimas da revolução espanhola

Realizou-se em S. Paulo, na noite de 4 de Junho p. p., no Teatro São Paulo, com numerosa assistência, um comício de solidariedade com os participantes da Revolução Espanhola que se encontram presos ou dispersos por vários países, objetivando-se a animação de um movimento em favor da libertação dos encarcerados e do regresso livre à Espanha dos exilados.

Esse ato foi promovido pela União Estadual dos Estudantes, com a participação das seguintes representações: União Paulista dos Estudantes Secundários, Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, Frente Nacionalista, União Nacional dos Estudantes, Pacto de Unidade Sindical, Comerciantes do Rio, Associação Cívica dos Direitos do Cidadão, Centro de Estudos Sociais, pelo companheiro Pedro Catallo. Entre os oradores figuraram o deputado socialista Cid Franco, Lorenzo Serrano, pela oclatividade espanhola, e o camarada Edgard Leuenroth, que expendeu o ponto de vista dos libertários sobre a revolução espanhola, opinando que no combate à ditadura que tiraniza o povo espanhol, devemos incluir as ditaduras dominantes em outros países, como em Portugal e na Bulgária, onde, ainla recentemente, morreu um militante anarquista em consequência das barbaridades de que foi vítima na prisão.

Propague AÇÃO DIRETA